

A LUTA CONTRA O CANCRO EM PORTUGAL*

António Gentil Martins**

Até ao início do século XX foram esporádicos os trabalhos dedicados ao estudo do Cancro, em Portugal, sendo de referir tese de licenciatura de Câmara Pestana, sobre "o micróbio do carcinoma".

A 20 de Janeiro de 1904, o então Ministro do Reino, Conselheiro Ernesto Hintze Ribeiro, manda publicar a portaria nomeando a 1ª Comissão para o estudo do Cancro, presidida por João Ferraz de Macedo e incluindo José Curry Cabral, Francisco Oliveira Feijão, Custódio Cabeça e João Azevedo Neves. Este último, dinâmico Secretário da referida Comissão, enviou a todos os Médicos Municipais do continente, um inquérito ainda hoje com flagrante actualidade, dada a sua estrutura pioneira de um Registo Oncológico e que publicado em 1906, mereceu larga aceitação nacional como internacional.



Figura 1. Luís da Câmara Pestana

* Conferência realizada no Grémio Literário, em Lisboa, a convite de Aires Gonçalves, no dia 5 de Abril de 2011.



Figura 2. Ferraz de Macedo

Nesse questionário, intitulado " Estudo do Cancro", para além da identificação do Doente, procurava-se conhecer o início dos primeiros sintomas, os elementos que serviram de base diagnóstico, os órgãos atingidos nas várias fases da doença, eventuais antecedentes familiares ou da doença na casa ou na vizinhança, suspeitas de infecção ou transmissão, factos eventualmente relevantes (como alcoolismo, sífilis, tabaco, traumatismos, sezões, etc.), residência nos últimos cinco anos e, finalmente, observações.

Nesse mesmo ano de 1906, teve lugar em Lisboa o XV Congresso Internacional de Medicina, organizado por Miguel Bombarda e em que foi secretário da Secção de Cirurgia Francisco Gentil. Das suas conclusões, constava a recomendação de se incentivem em Portugal os estudos sobre o Cancro.

Francisco Gentil, então Secretário da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, toma a iniciativa de promover uma série de conferências sobre o tema.

Nelas refere Miguel Bombarda:

" O Cancro é a questão mais palpitante do momento actual, aquela que por toda a parte chama a atenção de todas as inteligências e se tornou em mira de todas as actividades no campo da Medicina".

Com a morte em 1907, de Ferraz de Macedo, passa a presidir á Comissão Ricardo Jorge, acompanhado por Francisco Gentil, Mark Athias e Carlos Santos.

O Prof. Francisco Gentil, com o apoio de Aníbal Bettencourt, tentou criar um dispensário Anti-canceroso no Instituto Bacteriológico, mas obstáculos que hoje se desconhecem não o permitiram.

Em 1912 o Conselho da FML confiou a Francisco Gentil uma Consulta para Doentes Cancerosos que passou a funcionar no Hospital Escolar de Santa Marta, colaborando Bénard Guedes com a sua instalação particular de RX e Mark Athias e Henrique Parreira na parte laboratorial e em 1915 funda-se uma Secção de Estudos cancerológicos.

No Porto, em 1915, constitui-se Grupo semelhante, com Domingos de Carvalho, Domingos de Oliveira e Couto Soares e em 1921 é inaugurado, no Hospital da Misericórdia um núcleo regional anti-canceroso, com Alberto Aguiar, Carlos Ramalhão e José Domingos de Oliveira.

Em 1916 é criado pelo Prof. Francisco Gentil na Faculdade de Medicina de Lisboa, um "Serviço de Radiações", entregue a Joaquim Feio e Castro, considerado o primeiro Mestre da Radiologia Portuguesa, de quem veio a ser discípulo Bénard Guedes, futuro responsável da área das Radiações no Instituto Português de Oncologia.



Figura 3. Francisco Bénard Guedes



Figura 4. Francisco Gentil



Figura 5. Marck Athias



Figura 6. Henrique Parreira

Em Coimbra, em 1913, J. Marques dos Santos propõe ao Conselho Escolar da Faculdade de Medicina, que “se efective a assistência portuguesa contra o cancro” e, em 1923, o mesmo professor propõe a criação de um Centro Regional de Luta anti-cancerosa, sendo encarregado por Portaria do Ministério da Instrução Pública, de estudar, em Portugal e no estrangeiro, as doenças cancerosas. Entretanto diz: falar de luta anti-cancerosa, quando em Portugal não há luta sistemática, organizada contra a doença, é cauterizar ferida dolorosa.

No primeiro Relatório que vem a entregar a esse Ministério, fala-se já na criação de três Centros Regionais de luta anti-cancerosa, junto das três Faculdades de Medicina.

É no entanto em 29 de Dezembro de 1923, que o então Ministro da Instrução Pública, António Sérgio, sob a influência do seu Chefe de Gabinete, Prof. Luís Simões Raposo, pelo Decreto 9.333, cria o Instituto Português para o Estudo do Cancro, com sede provisória no Hospital de Santa Marta.

Nesse Decreto é nomeada uma Comissão Directora, a ser presidida pelo Prof. Francisco Gentil, acompanhado por Mark Athias, Henrique Parreira, João Raposo de Magalhães e Francisco Bénard Guedes.

Desde logo e por proposta de Francisco Gentil ficou o Instituto ligado á Universidade, tendo como grandes objectivos a investigação, o ensino e a assistência a Doentes cancerosos, o que a União Internacional Contra o Cancro (UICC) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) só 60 anos depois vieram a consagrar...

Desde então, a luta contra o cancro em Portugal, fica indissociável da vida e obra do Prof. Francisco Soares Branco Gentil.

Nascido em 27 de Fevereiro de 1878 em Alcácer do Sal, bisneto do Prof. Francisco Soares Franco, Cirurgião da Corte Portuguesa, que escreveu o primeiro livro português de Anatomia Humana (2 volumes), fundou e foi 1º Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, escreveu um livro de Poemas, um de Filosofia e ainda um tratado de Agricultura (bons genes...) Licenciou-se em Medicina em 1900, executando no ano seguinte, no Banco de S. José a primeira sutura de uma ferida cardíaca com sobrevivência, já que a sua primeira operação tivera lugar em 1898. Em 1911 é catedrático de Cirurgia Operatória na recém-criada Faculdade de Medicina de Lisboa, e em 1915 fica catedrático de Patologia Cirúrgica, cargo que desempenhará até à jubilação, em 1948.

Em 1913-1914 foi Enfermeiro-mor dos Hospitais Cíveis de Lisboa, tendo presidido à Comissão de Estudo para modernização do Hospital de S. José. Como recordação curiosa existe uma acta de Assembleia-geral, em que os trabalhadores dos Hospitais Cíveis de Lisboa reconhecem e agradecem ao Prof. Francisco Gentil, por ter sido o primeiro que tomou a defesa dos seus interesses e regalias.

Embora jubilado e dada a sua obra, o Governo concedeu-lhe uma autorização especial para que permanecesse à frente do Instituto, que agora tem o seu nome.

Em 1953 recebeu a "grã-cruz" da Ordem Militar de Santiago da Espada, por acção relevante para a Ciência e para a Comunidade e em 1958 é-lhe concedido o grau de Doutor "Honoris Causa" pela Universidade de Coimbra.

A força da sua devoção a uma grande causa, a que dedicara por completo a sua personalidade excepcional de trabalhador, encontrou no Governo a justa compreensão e apoio para tornar realidade e efectivação que tardava. Mas também não lhe faltou a entusiástica adesão de um valoroso grupo de colaboradores, entre os quais António Augusto da Silva Martins.

Morre em 13 de Outubro de 1964 após um acidente vascular cerebral que o obrigou a ser substituído officiosamente na Direcção por Toscano Rico, a quem se sucederam Edmundo Lima Basto (nessa ocasião Presidente da Liga Contra o Cancro), Álvaro Rodrigues, Xavier Mourato, José Conde, Francisco Gentil Martins, Luís Silveira Botelho, Tavares de Castro, Francisco da Costa Mira, Joaquim Gouveia e Ricardo da Luz.

Algumas das suas ideias merecem ser meditadas:

"Os nossos Hospitais não são suficientemente ricos para comprar coisas baratas; o que custa caro não é fazer, mas manter". Os Doentes são como o dinheiro: vão onde se sentem seguros.

O primeiro lugar que examinava quando pretendia avaliar o funcionamento de um Hospital era a Cozinha, dizendo: se a cozinha está bem arranjada e limpa, o resto certamente também está bem.

Quando acabava de operar costumava sempre ir à enfermaria ver os doentes operados (ainda com a farda e o barrete branco que usava no Bloco Operatório).

Uma vez um doente disse: este Hospital é tão bom, que todos os dias vem cá o cozinheiro ver se a comida estava boa!



Figura 7. Francisco Gentil de barrete

Dele dizia Fernando Namora:

“E Mestre Gentil permanece, porque foi arquitecto, obreiro e dinamizador de uma empresa que desafia um gigante; a luta anti-cancerosa entre nós. Partindo do nada, e num meio que se apavora das iniciativas, murchando-as com o furor das ervas que eternizam os baldios, ele, de tenacidade em tenacidade, usando com sagacidade e altivez a arma do seu prestígio, visto que era príncipe nas hostes da Medicina, ergue um Instituto de Oncologia que, pelas suas rasgadas concepção e promoções, nos abria os olhos para a gravidade do problema que se propunha enfrentar, ao mesmo tempo que, atestando a visão de quem o delineara, revolucionava, em Portugal, as perspectivas hospitalares.

“Tinha um agudo instinto da oportunidade e um apuradíssimo conhecimento dos homens. Para os converter nunca, porém, se dobrou, nunca lhes serviu a bandeja da humilhação ou da lisonja: impunha-se como soberano que concede mercês em vez de as aceitar.” “O seu olhar via longe e diferente... criando a assistência domiciliária... o serviço social... chamando a si a tarefa de socorrer bolsas humildes... que precisam de mão protectora quando a aflição lhes agrava o infortúnio. E como não há arte de cura sem oficiais do seu ofício, vá de plantar a raiz do ensino científico da Enfermagem numa terra onde tal mester era desvalioso”.

Cedo reconheceu que o papel essencial, e mesmo insubstituível, do Médico, deve ser complementado.

“Não sei outro exemplo de alguém que, em Portugal, e sem encargos de governança, haja estruturado tão vasta armadura contra a doença, nunca a separando do desvelo pelo Doente, ser humano.

O Doente, no Instituto era alteza; nada parecia demais em seu proveito: conforto e solicitude, terapêuticas e dedicação. Todas as criações de Francisco Gentil foram aliás, alicerçadas nessa divisa: o enfermo em primeiro lugar.

Dizia ele, porque ia sempre além das aparências, dos arrebatamentos e das deduções precipitadas, ao advertir: Vocês observam as coisas: o que não sabem é interpretá-las. Os maiores erros que os Médicos praticam não é por ignorância mas por falta de atenção.

Não havia desdita, física ou moral, dos seus subordinados, que nele não encontrasse a mais pronta solidariedade. E dizia: ai do Director quando são os lugares-tenentes a cuidar-lhes do Pessoal”.

Na época, (e não só....) era frequente os Doentes terem uma “recomendação” por parte de alguém. Um dia, na sua visita depois de lhe serem apresentados vários Doentes, um havia que não tinha qualquer recomendação: nessa altura Francisco Gentil virando-se para os seus colaboradores, limitou-se a dizer: este Doente é recomendado do Director!

Por outro lado, como afirmou o Prof. Jorge Soares na comemoração dos 75 anos do Instituto: “Com Francisco Gentil aprendemos que é importante ter um Projecto – ver mais além, ver mais longe! E ter argúcia e perseverança para o concretizar. E também aprendemos o sentido da independência, o sentido do serviço público e, acima de tudo, o sentido da soberania do Doente, sempre e acima de todas as circunstâncias”.

Republicano, não hesitou em dizer que, quando tratou o então Ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar, não pôde deixar de o admirar e afirmar que ele foi sempre o mais sereno, o mais calmo e o mais dedicado dos Doentes, obediente às indicações profissionais.

Ele desmentiu a afirmação corrente de que na doença não há grandes homens. “da nossa convivência nasceu a admiração e amizade que lhe tributo pois, na intimidade ele impõe-se, e mesmo num período de sofrimento causado pela doença demonstra ser superior às suas dores.

Passámos muita hora em” conversas que incidiam sobretudo a respeito de hospitais e assim foi ultimada a Maternidade Dr. Alfredo da Costa, surgiram os Hospitais Escolares e “se lhe deve o que existe da obra de luta contra o Cancro” que sempre apoiou”.

O Prof. Francisco Gentil tinha uma visão pioneira e muitas das suas ideias, de há mais de 50 anos, tornaram-se agora verdades modernas. Ele sempre entendeu que o estado da arte se devia estender a todo o País e não apenas às grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

Era uma Pessoa independente mas com um marcado sentido de serviço público e sobretudo reconhecia o primado dos Doentes, sempre e em todas as circunstâncias.

Era rigoroso e exigente e até mesmo severo, ainda que habitualmente justo e amigo. Mas se o interesse dos Doentes estivesse em causa ninguém nem nenhuma burocracia o fazia parar. Independentemente de ser um óptimo cirurgião, professor e organizador, era, acima de tudo um médico cuidadoso e solícito.



Figura 8. Oliveira Salazar e Francisco Gentil

Embora, por constrangimentos financeiros a aquisição dos terrenos à Casa Cadaval (por um preço simbólico) e as obras de construção dos primeiros pavilhões só possam ter tido lugar em 1927, já em 1925 se iniciava a Publicação do Arquivo de Patologia. Inicialmente dedicado à casuística da 1ª Clínica Cirúrgica do Hospital Escolar, e, posteriormente, sobretudo após a conclusão do chamado "Pavilhão do Rádio", incluindo trabalhos de investigação e divulgação oncológica, e teses de Doutoramento de futuros docentes da FML (publicação terminada em...).

Englobado na Universidade de Lisboa, o Instituto gozava de completa autonomia administrativa e científica, o que lhe permitia dispor livremente das suas receitas e

tomar todas as iniciativas referentes ao estudo dos tumores e da luta anti-cancerosa.



Figura 9. Francisco Gentil

O Professor Francisco Gentil sempre se preocupou com a eficiência dos Serviços Administrativos. E assim a sua preocupação em escolher e nomear Administradores qualificados que servissem de suporte organizativo a tão importante e complexo empreendimento.

Daí ter escolhido Mário Neves, personalidade de invulgares dotes de inteligência e cultura, a quem mais tarde (1948 e até 1974) sucedeu Joaquim Silveira Botelho. Este último participou directamente no apetrechamento do grande bloco Hospitalar do Centro de Lisboa e deu valiosa colaboração para a formação dos Centros Regionais de Coimbra e Porto. Para além de realçar a sua competência no domínio administrativo é justo realçar a sua constante preocupação pelos aspectos sociais e humanitários da luta contra o cancro. E era só um....



Figura 10. Mário Neves



Figura 11. Silveira Botelho

Em 29 de Dezembro de 1927 é finalmente inaugurado o 1º pavilhão (A) com a instalação de Serviços de Roentgenterapia, Diatermia e Consultas.

2 anos depois, em 1929 é inaugurado o 2º pavilhão (B), agora com o nome de David Lopes (um benfeitor do IPO), que foi albergar consultas gerais e especializadas (Ginecologia, ORL, Urologia e Dermatologia), depois o Serviço Social (com Fernanda Mascarenhas) e actualmente o Laboratório de Citologia e a Consulta de Endocrinologia. Aí então se concentrou a actividade administrativa e funcional do Instituto, sob a chefia de João Sanguinetti, Administrador do Hospital Escolar.

Na monografia sobre a Luta contra o Cancro em Portugal, editada pelo "Instituto Português para o Estudo do Cancro, surge pela 1ª vez o seu logotipo (já como Instituto Português de Oncologia), aprovado pela Portaria 6.641 de 6 de Fevereiro de 1930).

A 29 de Dezembro de 1933 é inaugurado o chamado "Pavilhão do Rádio" (C), o primeiro a ser construído, a nível mundial, segundo as normas adoptadas no II Congresso Internacional de Radiologia (realizado em Estocolmo em 1928) para protecção dos Doentes e dos Técnicos contra os Raios X e as radiações do Rádio.

Em Janeiro de 1934 é publicado o 1º número do Boletim do Instituto Português de Oncologia, publicação mensal, destinado não só aos profissionais mas também ao público em geral, assim muito contribuindo para esclarecer e motivar a opinião pública.

Em 1938 tem lugar no IPO a "Primeira Série de Lições sobre Cancro e o seu Tratamento", o que se repetiu no ano seguinte.

Desde logo se reconheceu que difícil seria obter do Estado, verbas suficientes para o pleno e desejado desenvolvimento do Projecto e isso levou a que a Sociedade Civil se mobilizasse, de forma voluntária e solidária, para a obtenção das tão necessárias verbas, surgindo assim a denominada "Comissão de Iniciativa Particular de Luta contra o Cancro".

Esta, poderá dizer-se, teve início em 1931, quando se realizaram as primeiras reuniões na residência da Condessa de Ficalho. Foi porém D. Mécia Mouzinho de Albuquerque (Condessa de Murça) a grande impulsionadora da Comissão, juntamente com D. Maria Sant'Ana Bénard Guedes, o Prof. Francisco Bénard Guedes, D. Maria Beatriz de Magalhães Colaço, o Prof. Raposo de Magalhães e o Dr. Mário Neves.



Figura 12. Mécia Mouzinho de Albuquerque

Em Novembro de 1937 o Prof. Francisco Gentil, Presidente da Comissão Directora do IPO, decorridos 10 anos sobre a entrada em funcionamento do Instituto, entende propor ao Governo alargar a acção Nacional através da criação de Centros Regionais e a criação da Liga Portuguesa Contra o Cancro, o que só vem a concretizar-se em 4 de Abril de 1941, através da Portaria 9.772, como Associação Cultural e de Serviço Social, de utilidade pública (IPSS).

A Direcção teve como sua 1ª Presidente D. Mécia Mouzinho de Albuquerque e o seu objectivo era trabalhar a favor dos cancerosos, não só procurando arranjar verbas para o apoio à Instituição, mas, sobretudo, dedicar-se ao acompanhamento e apoio à pessoas doentes e seus familiares.

É com o patrocínio da Liga e a colaboração do Commissariado do Desemprego que se procede à construção do 1º Lar para Doentes (D), doado oficialmente ao IPO em 17 de Maio de 1943, sobretudo para doentes com cancro avançado, promovendo os cuidados paliativos. A sua responsável era a Enf. Alves Diniz.

A Liga iniciou as suas publicações sobre noções básicas de luta contra o cancro em 1942, que passa mais tarde a difundir nas Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia.

Em 1954 realiza-se o 1º peditório no Porto. Tendo já começado em Coimbra algum tempo antes.



Figura 13. Mesa do primeiro peditório da LPCC (segunda a contar da direita, Maria Bénard Guedes)

Em 1956 inicia-se o arrendamento de apartamentos e andares para lares de Doentes em tratamento ambulatorio.

A Liga contribuiu para a aquisição de terrenos e por vezes mesmo de prédios para construção e instalação de Centros Regionais do IPO.

Noutras ocasiões, quando as rígidas regras burocráticas da Administração Pública, levariam a suspensão de tratamentos, a Liga prontamente adquiriu o que era necessário e rapidamente foi possível tudo voltar a funcionar, assim se evitando atrasos nos tratamentos e prejuízo para os Doentes.

No Porto há a destacar, para além dos apoios da Fundação Calouste Gulbenkian e do Estado, o dinamismo do Sr. João Campos Ferreira.

Em Évora contou-se com a grande generosidade dos Condes de Vil'Alva, em Coimbra foi a vez do pavilhão de Radioterapia e em Lisboa foi o Lar dos Doentes, o Pavilhão de Medicina e o Serviço de Telegamaterapia.



Figura 14. Pavilhão A

Em 1937 na III Reunião semanal do IPO dizia Francisco Gentil:

“ O Instituto Português de Oncologia não pretendeu nunca monopolizar o tratamento dos cancerosos ou o estudo complexo dos vários aspectos científicos ou sociais da oncologia, mas quer congregar todos os esforços honestos que tendam a criar um conhecimento perfeito da doença e uma assistência condicionada pelos deveres de humanidade que sempre nos orientaram”.

“... aí temos, país fora, a vida precária de muitos hospitais, a provar a necessidade de organizar alguma coisa onde haja renovação constante, ritmo de aceleração progressiva, e podendo viver dentro de normas onde os “deveres” abafem os “direitos” que, em regra por ausência de senso crítico, tudo fazem deturpar, prejudicando uma obra que só deve ter como guia, princípios de humanidade.

Pensamos necessário fazer nascer 3 organizações: Centros Regionais e Centros de diagnóstico do Cancro, Liga Portuguesa Contra o cancro e Sociedade Portuguesa de Oncologia, para fins científicos.

Francisco Gentil reconheceu, e bem, que era de uma importância fundamental ter pessoal de Enfermagem bem treinado e qualificado, para tratamento do Cancro.

Assim, a 17 de Maio de 1940 é inaugurada a Escola Técnica de Enfermeiras, um dos marcos históricos mais importantes para a história da Enfermagem em Portugal. Não só a escolaridade era pré-universitária (quando, em geral, apenas se exigia a denominada “instrução primária”)

O Curso durava 3 anos (e não apenas 2), as disciplinas de Enfermagem eram dadas por Enfermeiros credenciados (a maioria treinadas nos EUA, através de acordos

com a Fundação Rockfeller) e a Direcção da Escola foi atribuída a uma Enfermeira, Maria Angélica Lima Basto. Existia também autonomia pedagógica, embora sob a orientação da Comissão Directora do Instituto.



Figura 15. Maria Angélica Lima Basto Hansen

Em 1944, começa a funcionar em edifício próprio, a Escola Técnica de Enfermeiras, (hoje denominada Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil e dependente não do Ministério da Educação, como inicialmente o próprio Instituto, mas agora dependente do Ministério da Saúde).

Em 1979 é criado um "Núcleo para ensino e investigação em Enfermagem", de que foi responsável a Enfermeira Marguerite Pla Gentil Martins.

Também em 1944 é instituído pela 1ª vez o prémio Silva Pereira destinado a estimular os estudos sobre o cancro, a atribuir, por concurso público, ao autor do melhor trabalho original e inédito sobre cancro.

É também nesse ano que tem lugar a 1ª festa de Natal para os Doentes do Instituto.



Figura 16. Escola de Enfermagem

Ainda em 1944 inicia-se a publicação da Clínica Contemporânea de Medicina e Cirurgia, que iria manter-se até 1974, sendo de realçar os trabalhos do Prof. Fernando Fonseca, nomeadamente sobre hemopatias (acolhido no IPO após a sua demissão compulsiva da Faculdade de Medicina de Lisboa, por razões de carácter político), trazendo consigo alguns valiosos colaboradores e com eles desenvolvendo notável actividade científica.

Em 28 de Maio de 1948 é inaugurado o grande Pavilhão Hospitalar (no tempo correspondente à jubilação do Prof. Francisco Gentil da Faculdade de Medicina de Lisboa, que passou, desde então, a dedicar exclusivamente a sua actividade à Instituição), sendo um Hospital com todas as valências.



Figura 17. Pavilhão Hospitalar

Tinha uma capacidade para internar cerca de 350 doentes, nas melhores condições e tendo, como era comum na época, um andar dedicado a "Doentes privados". Tinha condições assistenciais e de trabalho excepcionais, atendendo-se aos mais pequenos pormenores.

E "ai daquele" que fosse incorrecto para com os Doentes. Não dia seguinte já não voltaria mais à Instituição...

Com o trabalho de todos, a dedicação da grande maioria e o exemplo de muitos, o IPO transformou-se num Hospital de Excepção.

Lembro com respeito e saudade, os chamados Quartos do Repouso (agora tornados gabinetes!), existentes em todos os andares e onde nas fases terminais da Doença, as Pessoas podiam beneficiar, em permanência, da presença de familiares.

Em 1948 é formado o Serviço Social, um dos primeiros em Portugal. De Norte a Sul do País, das Ilhas Adjacentes e das então colónias, afluíam ao Instituto, e quase só aí, os Doentes Oncológicos, com todos os seus problemas sociais e humanos. Era inestimável o seu trabalho na orientação inicial dos Doentes dentro da Instituição e na tentativa de resolver os seus problemas humanos e sociais, colaborando activamente, sobretudo nessas áreas, com o Voluntariado da LPCC.

Em 1950 é renovada a Comissão Directora, que fica presidida por Francisco Gentil e tem como restantes Directores Toscano Rico, Álvaro Rodrigues, Luís Raposo e Bénard Guedes.

Em 27 de Maio é oficialmente inaugurado um Serviço de Hemoterapia, dirigido por Maças Fernandes.

Em 1951 Francisco Gentil publica em edição trilingue o livro "A obra da luta contra o cancro e o Instituto Português de Oncologia", nele realçando mais uma vez o apoio sempre recebido do Dr. Oliveira Salazar, verdade histórica indelével e que foi essencial para o pleno desenvolvimento do Projecto do Prof. Francisco Gentil.



Figura 18. Mesa de Honra na inauguração da III Reunião da UICC, falando o então Presidente da União, e presidindo à cerimónia Francisco Gentil (ao centro)

Realiza-se no Instituto a III Reunião da União Internacional contra o Cancro (UICC) sendo o Prof. Francisco Gentil, um dos seus fundadores, nomeado Membro de Honra desse organismo. Ainda em 1952 é criado no pavilhão D, o Laboratório de Física da Comissão de Estudos de Energia Nuclear e um sector de protecção de radiações, de âmbito nacional, tendo sobretudo em vista a protecção do Pessoal.

Considerando a religião Católica Romana largamente prevalecente no País, a 22 de Abril de 1952 tem lugar a Sagração da Capela do IPO, pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, onde cumpre realçar a imagem da Padroeira, esculpida por Mestre Leopoldo de Almeida e a decoração geral bela, embora simples, da autoria de Martins Barata.

Inicialmente os alojamentos do Capelão eram junto á capela (no próprio Instituto, para permitir um mais fácil acesso aos Doentes, sempre que necessário), mas esses passaram depois a outras funções...

Como é evidente manteve-se sempre o livre acesso dos Ministros de qualquer culto ou religião, sempre que algum Doente o solicitasse.



Figura 19. Inauguração da Capela pelo Cardeal Cerejeira



Figura 20. Escultura da Virgem, de mestre Leopoldo de Almeida

Em 1952 é criado um Serviço de Protecção Contra as Radiações

A 27 de Abril de 1953 é inaugurado o Laboratório de Isótopos Abílio Lopes do Rego (o doador), o 1º do país, sendo a responsabilidade dos físicos atribuída aos Profs. Júlio Palácios e António Manuel Baptista e por largo tempo, a responsabilidade médica a William Henry Clode. Poderá dizer-se que este Laboratório terá contribuído para o aparecimento oficial da Especialidade de Medicina Nuclear.

A 27 de Fevereiro de 1956 foi inaugurado, com a colaboração da Liga Portuguesa Contra o Cancro, e o apoio da Fundação Gulbenkian, um Serviço de Visitação Domiciliária, prestador de cuidados Médicos e de Enfermagem. Assim contribuindo para manter os Doentes, sobretudo os com doença terminal, devidamente apoiados no seu meio familiar.

Na Unidade de Radioterapia, criada em 1929 por Bénard Guedes, iniciou-se em 1954 a Teleroentgenterapia, para, em 1958, com Mário Vilhena, ter lugar a utilização (pioneira na península ibérica), de uma Bomba de Cobalto.

Existia também um Laboratório de "Cirurgia Experimental" (com o respectivo Biotério), onde se estudavam novas técnicas cirúrgicas, e onde trabalharam sobretudo Lima Basto, José Conde e Francisco Gentil Martins.

O IPO contou sempre com a colaboração, disponível e motivada, dos responsáveis pela Biblioteca, de Adolfo Serra (por 45 anos, Chefe do Pessoal Menor), do Sr. Nogueira (responsável pelos Audiovisuais), e de Joaquim Tavares (o jardineiro).

Existia um riquíssimo museu de moldes e de peças anatómicas, de "blocos" de Anatomia Patológica, e de lâminas, sendo que apenas as últimas sobreviveram aos critérios imediatistas das necessidades de espaço, na sequência da revolução de Abril de 1974, com manifesto prejuízo para futuros estudos.

De realçar o valor de um Arquivo Clínico com documentação integral sobre todos os Doentes Assistidos no IPO desde o seu início.

Em Março de 1956, também com a colaboração da Liga Portuguesa Contra o Cancro inicia-se uma Consulta de Profilaxia, dedicada sobretudo ao rastreio dos Cancros da Mama e do útero, mas que veio depois a estender-se às restantes áreas, sob a coordenação de Mário de Noronha Andrade.

Em 1957 é criado oficialmente um Serviço de Saúde para o Pessoal. Foi o primeiro Serviço de Saúde Hospitalar criado no País. Mais tarde alargou a sua actividade á Higiene e Segurança no Trabalho.

Em 5 de Setembro de 1957 é iniciado um Curso para Auxiliares de Enfermagem, aprovado pela Portaria nº 16.858, a organizar na ETE, sob a responsabilidade da Enf. Crisanta Monteiro Regala. Após 25 de Abril de 1974, foi extinto pelas razões conhecidas...

Em 1960 é criada no IPOFG a 1ª Unidade Multidisciplinar para tratamento do Cancro Pediátrico, a nível Mundial, sendo seu impulsionador e 1º Director do Serviço, António Gentil Martins, que tendo iniciado o seu trabalho no IPO em 1953, regressara do Reino Unido onde fora Especializar-se em Cirurgia Pediátrica. As grandes Unidades internacionais de França (Villejuif) e EUA (Boston) apenas de dedicavam à área Médica Pediátrica e não à cirúrgica).



Figura 21. António Gentil Martins

A Unidade era então constituída por 2 quartos de 6 camas, uma no lado dos homens, outra no lado das mulheres, no 5º piso do Bloco Hospitalar, dirigido pelo Prof. Francisco Gentil, que mais uma vez mostrou o seu pioneirismo.

Tendo inicialmente a seu cargo toda a Oncologia Médica e Cirúrgica, convidou para com ele colaborar o Pediatra Médico João Valença de Sousa.



Figura 22. João Valença de Sousa

Este veio a substituí-lo na Chefia do Serviço, quando, 26 anos (1986) mais tarde (1986) optou pelo lugar de Chefe de Serviço no Hospital de D. Estefânia, passando então a Consultor no IPO.

Ao vagar o 7º piso (1966) onde existia alojamento de Enfermeiras, passou a ter condições de autonomia, com alojamento para 22 doentes, incluindo 3 quartos para crianças mais pequenas e um quarto independente das Enfermarias, podendo ser usado como quarto de isolamento, de repouso ou mesmo como quarto privado, todos estes permitindo a presença do Pai ou da Mãe durante todo o dia. Havia um quarto de brincadeiras e um solário. Para a sua organização contribuíram as Enfermeiras Alice Gentil Martins (Professora da ETE) e Nilza Ralha, bem como António Gentil Martins.



Figura 23. Alice Gentil Martins



Figura 24. Nilza Ralha

Em 1974 foi criado um pequeno "Hospital de Dia". Após novas obras, terminadas em 1990, o Serviço pôde contar com 2 quartos adjacentes à zona de trabalho das Enfermeiras, para vigilância e monitorização no pós-operatório, e a maioria dos quartos (cerca de 2/3) passaram a ser "individuais", para permitir a mais fácil presença dos Pais 24 horas por dia. Para melhor personalizar as relações humanas entre Doentes, Pais, Médicos, Enfermeiras e Secretariado, eram sempre os mesmos a trabalhar no Serviço, na Consulta Externa ou no "Hospital de Dia". Foi gratificante verificar que, quando a Sociedade Internacional de Oncologia Pediátrica estabeleceu as normas correctas para a criação de Serviços de Oncologia Pediátrica, as suas recomendações coincidiam com o que, 30 anos antes, tinham sido feitas no IPOFG.

A acção Médica estava assegurada pelos Pediatras 24 sobre 24 horas. Contava-se ainda com uma Assistente Social, uma dietista, uma Educadora de Infância e um Psiquiatra (apoiando as crianças e os Pais). Actualmente há 3 Cirurgiões em tempo parcial, 7 Pediatras em tempo total, 2 Psicólogas, 1 educadora, 2 professoras e uma assistente social. As crianças usam roupas "normais", trazem os seus brinquedos favoritos e são chamados pelo nome e não pelo número da cama... E a Mãe ou o Pai, devidamente equipados (barrete, máscara, bata, sapatos...) acompanham as crianças, dentro das Salas de Operações, até que elas adormeçam, saindo depois.

Em 1979 o Serviço organizou o 11º Congresso Mundial de Pediatria Oncológica (SIOP), e o 1º Curso Internacional, em 1979, em Espinho (com a colaboração de Sodr  Borges) o um 2º Curso Internacional, em 1991, em Lisboa.

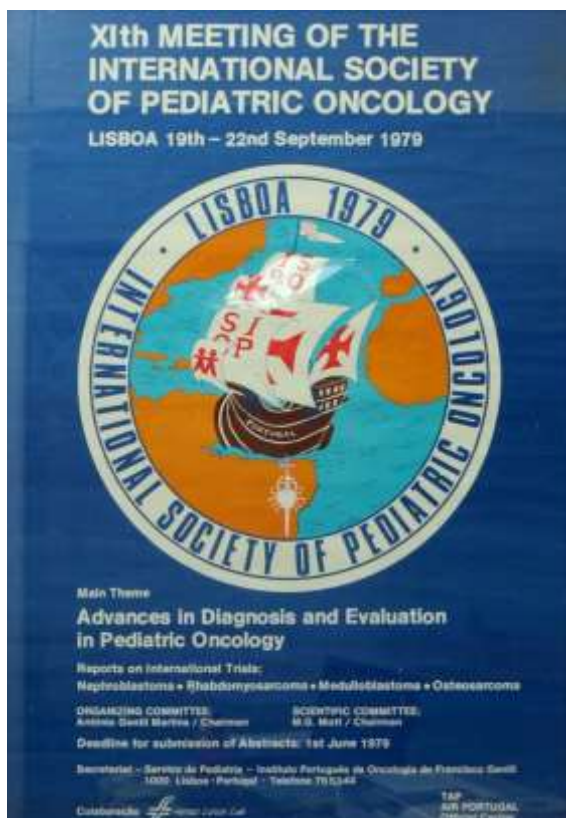


Figura 25. Congresso Mundial. Logótipo desenhado por Guilhermina Jardim



Figura 26. Cartaz do International Course on Pediatric Oncology

Em 1993 teve lugar o 1º Curso de Cancro Pediátrico para Enfermeiras, sendo então Director do Serviço João Valença de Sousa.

O Serviço adquiriu prestígio Internacional, sendo fundador das Sociedades Internacionais de Oncologia Pediátrica (SIOP) (1969) e de Oncologia Cirúrgica Pediátrica (IPSO) (1994). O seu 1º Director é actualmente, o único Membro de Honra de ambas as Sociedades, a nível mundial, tendo sido Conselheiro Temporário da OMS para a área Pediátrica e Membro da Comissão Técnica do Programa Europa Contra o Cancro.

O Serviço foi pioneiro na Quimioterapia neo-adjuvante e também nas nefrectomias parciais nos nefroblastomas unilaterais, bem como nas metastectomias pulmonares.

Pôde sempre contar com um valioso grupo de Voluntárias, quer da Liga Portuguesa Contra o Cancro quer da "Acreditar" (Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro), tendo mesmo sido fundador e Membro da 1ª Direcção da "International Confederation of Childrens Parent's Organizations" (ICCCPO).

Desde 1990 o Serviço de Pediatria pôde contar com uma excelente sala de apoio patrocinada pelo Clube Lyons junto a um acolhedor jardim, onde podem, descontraidamente, aguardar pelas Consultas ou tratamentos.



Figura 27. Pavilhão Lyons

Em 1999 foi inaugurado um confortável e eficiente Hospital de Dia, no denominado "Pavilhão do Rádio", junto ao qual funciona actualmente a Consulta Externa. No mesmo ano foi implementada a Telescola, permitindo conservar o contacto com os Colegas de Escola e manter o acesso às aulas durante os internamentos.

Em Coimbra as crianças, até agora tratadas sempre acompanhadas no Serviço Geral de Pediatria, por Rui Baptista deverão passar a ter espaço próprio no Novo Hospital Pediátrico, recentemente inaugurado.

No Porto, em 1980, teve início uma unidade de 10 camas dirigida por Sodrê Borges, no Centro do Porto do IPOFG. Este transformou-se, em 1990, num esplêndido Serviço de Pediatria Oncológica.

É agora dirigido por Lucília Norton, (anteriormente responsável por uma mais pequena área de Oncologia Pediátrica no Serviço Geral de Pediatria do Hospital Escolar de S. João, e onde é efectuada grande parte da Oncologia Cirúrgica Pediátrica).

Embora idealmente as crianças com cancro devam preferencialmente ser tratadas em Unidades especializadas integradas em Centros Oncológicos (até pela necessidade de controlos a longo prazo), como não será viável a existência de uma

moderna Unidade de Cuidados Intensivos Pediátricos num Instituto de Oncologia (dado o reduzido número de casos a necessitar dela), deverá sempre ser estabelecido um Protocolo de Cooperação com uma Instituição Hospitalar onde tal Unidade exista. É o que acontece em Lisboa, na colaboração com os Hospital de D. Estefânia e no Porto com o Hospital de S. João.

Em 1960 é criado o Serviço de Estatística do Instituto (somente hospitalar e não ainda de índole populacional), dirigido por Costa Ramos, precursor do futuro Registo Oncológico, criado em 1978 e dirigido inicialmente por Eduardo Limbert e depois por Ana da Costa Miranda, seguindo as orientações da OMS.

Se excluirmos os dados de incidência do Registo pioneiro de Viana do Castelo, em 1976, com José Maria de Carvalho e Daniel Serrão, e depois o de Vila Nova de Gaia, em 1981, com Teixeira Gomes, não existiam, na década de 70, dados da incidência do Cancro em Portugal.

Segundo Ana Miranda, foi o Prof. Luís Cayolla da Mota o grande impulsionador dos Registos de Cancro, no nosso país, que também participou nos trabalhos do Grupo para a epidemiologia e Registos de Cancro nos países de língua latina (GRELL).

O Prof. Daniel Serrão foi o impulsionador do Registo Oncológico no Hospital Escolar de S. João, sendo que registos de índole hospitalar se foram multiplicando, como aconteceu no IPO de Coimbra, com Manuela Lacerda, até que em 1988 a Portaria nº35/88 de 16 de Janeiro, Portugal passa a ter todo o território continental coberto por Registos de Cancro de Base Populacional, sendo o do IPOFG do Porto iniciado nessa ocasião.

Em 2007 é criado um Registo Oncológico nos Açores.

A existência de um Registo Nacional de Cancro, de base populacional, mas também a nível Institucional, veio permitir comparar não só a incidência da doença, mas também uma comparação de resultados.

Ficou assim demonstrado, pelo ROR Sul, que a sobrevivência a 5 anos dos doentes tratados no Centro de Lisboa do IPOFG (nos casos concretos avaliados - cancro da mama e cancro do cólon e do recto), era superior à que se verificou nos outros Hospitais da Região Sul, que se dispuseram voluntariamente a colaborar no estudo (enviando os seus resultados para o Registo Oncológico)

Os números comparativos mostram percentagens (respectivamente, para o cancro da mama, de 60,82/59,70, para o cancro do cólon - 50,25/44,51 e para o cancro do recto - 55,88/44,70).

Este é um argumento poderoso para a defesa da existência de Centros de Referência, Centros de excelência, que, obviamente, não poderão nem tão pouco devem ser monopolistas, mas sim orientadores.

Em 29 de Dezembro de 1961 é inaugurado o Centro Anti-canceroso de Coimbra. O seu dinamizador foi o Prof. Luís Raposo que, tendo declinado a posição de Director, deu lugar ao Prof. Ibérico Nogueira.

Hoje é uma Unidade hospitalar moderna e que presta cuidados altamente diferenciados, desenvolvendo a sua actuação nas áreas de investigação, ensino, rastreio e assistência oncológica, cobrindo uma população de cerca de 2 milhões de habitantes, com cerca de 192 camas.

Fiel ao seu mais nobre compromisso, “a excelência de bem cuidar o Doente Oncológico”, tem múltiplos projectos para o futuro, entre os quais se destacam a criação de uma Unidade de Cuidados Continuados e de um lar para doentes, uma nova Unidade de internamento, a criação de um Serviço de Medicina Nuclear e melhorias na Radioterapia e Ultrassonografia endoscópica.



Figura 28. Foto do Centro inicial, em Coimbra

Refere-se que não é o tempo que dá valor às coisas, o que lhes dá valor é apenas a excelência que possuem (Beloste-1701).

Foram seus Presidentes, sucessivamente, o Prof. Luís Raposo (fundador - 1961), seguido pelo Prof. Ibérico Nogueira (1961/1974), Dr. João Cortez Vaz (1974), Prof. José Goulão, Dr. Rocha Alves, Dr. Antunes da Silva, Dr. Dário Cruz, Dr. Frederico Valido e Dr. Manuel António Silva.

Em 1995 é inaugurado um novo edifício, destinado à centralização da maior parte das Consultas externas, que vem ligar-se ao já existente, seguindo-se a inauguração em 25 de Maio de 2001 de um novo edifício, dedicado fundamentalmente a Cuidados Paliativos, a residência para Doentes e também à Farmácia, Registo Oncológico e Investigação.

Em 2003 passou a organizar Centros de responsabilidade integrados e foi o primeiro Centro Regional de Oncologia a adoptar o sistema de classificação de Doentes pelos DGH's. Como é evidente desenvolveu também outros serviços Rastreio, Estomoterapia, Radioterapia, Rádio-cirurgia, Serviço Social, etc.



Figura 29. Centro de Coimbra

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decide reforçar o seu apoio financeiro aos Centros de Oncologia.

Em 1963 são efectuados vários Cursos sobre Cancro e têm início as Semanas do Cancro (que duraram 3 anos, sendo substituídas pelas Semanas da "Europa Contra o Cancro").

Em 1964 é criado o Departamento de Cirurgia Especial, dedicado a novas técnicas de diagnóstico e tratamento do cancro, chefiado por Francisco Gentil Martins (neto do Fundador), "fellow" do Colégio Americano de Cirurgiões e do Colégio Internacional de Cirurgiões e Membro fundador da Associação Europeia de Institutos do Cancro e da Sociedade Europeia de Cirurgia Oncológica (tendo sido Membro da sua Direcção).

A 13 de Outubro de 1964 morre o Prof. Francisco Gentil, sendo o seu nome dado ao Instituto e sendo colocada uma estátua no jardim, frente ao grande pavilhão hospitalar.

Em Janeiro de 1968 começa a funcionar a Clínica de Tumores da Cabeça e Pescoço, dirigida por José Conde.

Em Outubro de 1969 é inaugurado o Centro de Profilaxia de Alcântara, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian

Em Março de 1971 morre o Prof. Edmundo Lima Basto, então Director do IPOFG e grande impulsionador da criação dos Centros de Coimbra e do Porto e também organizador de Clínicas Oncológicas multi-disciplinares, (e não por simples Especialidades Médicas e Cirúrgicas).



Figura 30. Francisco Gentil



Figura 31. Edmundo Lima Basto

Em sua substituição na Direcção do Centro de Lisboa é provisoriamente nomeado o Prof. Álvaro Rodrigues, substituído em 9 de Maio de 1972 pelo Prof. Xavier Mourato, a quem se seguiu (Outubro), o Prof. José Conde.

Em Junho de 1971 é inaugurado o novo Pavilhão de Medicina, com instalações de Consulta, 3 Enfermarias e os Serviços de atendimento, em urgência, e onde igualmente se encontram alguns dos Laboratórios.

Em 17 de Agosto de 1972 é nomeada a primeira Comissão de Bolsas de Estudo e em Setembro é inaugurado o Laboratório de Virologia, coordenando uma equipa multidisciplinar, António Terrinha.

A 3 de Janeiro de 1974 é criada a Comissão de Farmácia, dirigida por Iolanda Mendes.

Ao longo de todo este período (os primeiros 50 anos do Instituto) tiveram lugar numerosos Simpósios com colaboração internacional, e nomeadamente uma reunião da União Internacional Contra o Cancro

Em 17 de Abril de 1974 inicia o seu funcionamento o Centro Regional do Porto, com a contribuição financeira do Estado, da Liga Contra o Cancro, da Fundação Calouste Gulbenkian e do benfeitor João Santos Ferreira.

Pouco depois dá-se a revolução de 25 de Abril de 1974, por despacho de 30 de Outubro, é nomeado para representar o MEC no IPOFG, o Tenente-Coronel Júlio Silva e são nomeadas as Comissões Instaladoras para os Centros do Porto (com

Amândio Tavares, Cardoso da Silva e Guimarães dos Santos) e de Coimbra (com Carvalho Goulão, Rocha Alves e Dário Cruz). Júlio Silva será depois substituído pelo Major Raul Dionísio (MEC).



Figura 32. João de Santos Ferreira

Em 1975, em Lisboa, múltiplas pequenas instalações e lares para os Doentes são congregados num único Edifício, o edifício do LAR situado nos terrenos do Instituto, (neste caso também com a colaboração da LPCC, que ali tem as instalações do seu Núcleo Regional do Sul).

A 6 de Maio de 1977, pela Lei 78/77 é dada autonomia aos Centros Regionais de Coimbra e Porto, até aí dependentes da Administração do Centro de Lisboa.

De 7 a 9 de Fevereiro tem lugar o 1º Encontro Luso-Espanhol de Oncologia Clínica.

Em Lisboa, a 24 de Julho de 1978 abre a primeira Consulta para o Tratamento da Dor, orientada por um Neurologista (Dr. Vasco Chichorro) e um Anestesiologista (Dr. José Luís Portela)

Em 8 de Agosto de 1979 é nomeada a Comissão Interministerial Permanente para a coordenação da Assistência Oncológica (CIPCAO)



Figura 33. Lar dos Doentes, no Centro de Lisboa do IPOFG

Em 28 de Fevereiro de 1978 o Prof. José Conde é nomeado Director do Centro de Lisboa do Instituto.

A 12 de Outubro de 1979 é criado o Gabinete de educação e Investigação em Enfermagem (GEIE), dirigido pela Enf. Marguerite Pla Gentil Martins

Em 1981 iniciam-se nos Serviços do IPOFG os Internatos da Carreira Médica Nacional.

Em 6 de Dezembro de 1982 é criada a Comissão de Higiene Hospitalar

Em Maio de 1983 é fundada a Sociedade Portuguesa de Oncologia (já proposta por Francisco Gentil, na Conferência Inaugural do III ano das Conferências semanais do IPO , em 1937), presidida por Álvaro Rodrigues), e a 2 de Dezembro do mesmo ano uma Disciplina independente de Oncologia passa a fazer parte do Curriculum Médico da Faculdade das Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (Prof. José Conde, seguindo-se o Prof. Mário Bernardo).

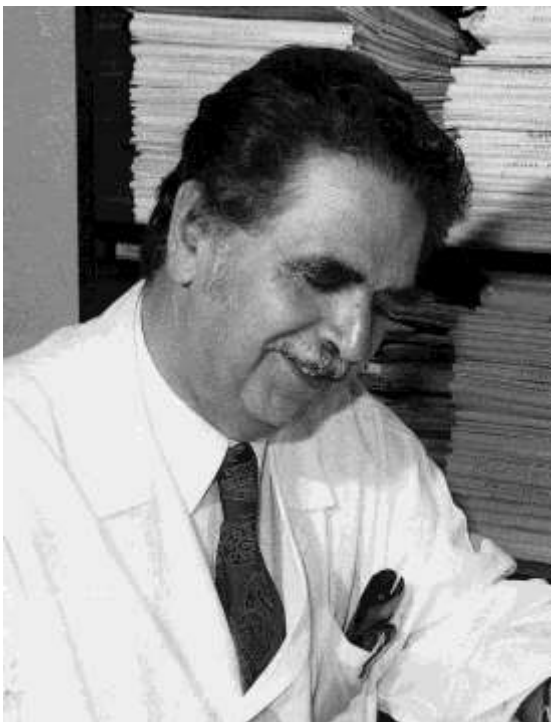


Figura 34. José Conde

A 7 de Janeiro de 1986 é nomeado Director do Centro de Lisboa Francisco Gentil Martins, simultaneamente Presidente da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

A 4 de Junho de 1987 é feita a reformulação do Serviço de Patologia Morfológica, que passa a ser constituído pelo Laboratório de Anatomia Patológica, o Laboratório de Citologia, o Laboratório de Patologia Experimental e a Unidade de Diagnóstico Ultra-estrutural.

Nesse ano tem início a Consulta de Cardiologia, com Arsénio Cordeiro.

Em 1991 a Ordem dos Médicos reconhece a Oncologia Médica como Especialidade autónoma (como aliás já fizera com a Radioterapia) e mais tarde, em 2004, reconhece como sub-especialidade a Oncologia Pediátrica.



Figura 35. Francisco Gentil Martins

A 21 de Maio de 1987 é inaugurada no Centro de Lisboa, uma Unidade de transplante de Medula óssea (mais uma vez com o apoio da Liga Portuguesa Contra o Cancro) á qual, em 1992, se seguiu uma Unidade dedicada sobretudo aos auto-transplantes. Tem sido sempre seu responsável, Manuel Abecassis. O mesmo aconteceu também em Coimbra e no Porto.

Em Dezembro de 1987 tem lugar, em Lisboa, o III Congresso Nacional de Oncologia, presidido por José Conde.

A 18 de Janeiro é iniciada a Consulta multidisciplinar de Decisão Terapêutica, com Cirurgião, Oncologista Médico, Radioterapeuta, o Médico responsável pelo Doente e, se possível um Patologista e uma Enfermeira.

A 8 de Março de 1988 morre Francisco Gentil Martins, sendo nomeado Director do Centro de Lisboa, Luís Silveira Botelho.

De 2 a 7 de Maio tem lugar a Semana Europa Contra o Cancro, com início no Porto e terminando em Lisboa

Ainda em Maio, iniciam-se os Cursos de Pós-Graduação em Oncologia Clínica, a cargo se Carmo Pereira.

Em Junho tem lugar a 1ª Semana de Rastreio do Cancro cutâneo, organizada por Tito de Noronha, seguindo-se uma Consulta de profilaxia. Passaram depois a existir consultas Multidisciplinares de Dermatologistas com outros Especialistas, sendo o

IPOFG pioneiro na utilização de Laser CO2 (1989) e Laser KTP/Yag (1995), do uso de fotografia digital para vigilância de lesões cutâneas e da utilização de terapêuticas fotodinâmicas. Almeida Gonçalves já em 1974 introduzira em Portugal a crioterapia com azoto líquido no tratamento do Cancro Cutâneo e mais tarde extensiva a neoplasias da vulva.

Em 1991, pela Decisão de /8/88 foram criados nos 3 Centros Regionais, "Centros para Educação Médica Continua".

A 23 de Setembro de 1988 o Instituto deixou de ser tutelado pelo Ministério da Educação (como acontecera desde a sua fundação), para passar a ser tutelado pelo Ministério da Saúde, por decisão de Leonor Beleza (a gorada intenção de Trigo de Negreiros face à oposição de Francisco Gentil e do Senado Universitário).

Em 29 de Março é criada uma Unidade de Cuidados Intensivos, fundamentalmente cirúrgica.

Em 14 e 15 de Abril tem lugar um Curso de Hematologia Oncológica Dr. Francisco Branco e em 28 e 29 do mesmo mês o Curso de Oncologia Cirúrgica Dr. Francisco Gentil Martins.

A 8 de Novembro é criada a Unidade de Medicina Física e Reabilitação, chefiada por João Pereira Jordão, sequência de trabalhos iniciados nos anos 50 por Transmontano, Jacquet, e seguidos pela Enf. Pires de Lima.

A 11 de Janeiro de 1990 tem lugar um Simpósio Internacional sobre Osteopatia Neoplásica e, em 20/21 de Abril, o Curso de Radioterapia Oncológica Dr Mário Vilhena.

A 24 de Setembro é nomeada a Comissão de Ética.

Por pedido de exoneração é nomeada Director do Centro de Lisboa Eduardo Limbert.

De 8 a 14 de Outubro tem lugar a III Semana Europeia Contra o Cancro. Nela é apresentado, pela 1ª vez, o "Plano Oncológico Nacional"

De 14 a 10 de Novembro tem lugar o 1º Curso Português de Oncologia Médica.

Por Portaria do Ministério da Saúde de 8 de Agosto de 1988 são criados nos 3 Centros Regionais, "Centros de Formação Permanente", surgindo o de Lisboa em 19 de Março de 1991, e sendo seu responsável, em Lisboa, Mário Bernardo, Professor de Oncologia na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

A 24 de Janeiro de 1992, em Lisboa, entra em funcionamento a Unidade de Cuidados Hematológicos Intensivos (HCHI), a cargo de Jorge de Melo.

A 3 de Dezembro, pelo Decreto-Lei nº273/92 é publicada a Lei Orgânica do Instituto Português de Oncologia, dada a sua integração no serviço Nacional de Saúde (SNS) e colocando-o ao nível dos restantes Hospitais Públicos.

A 7 de Junho de 1994 são criados, no Centro de Lisboa, o Conselho de Investigação Oncológica, a 8 de Setembro o Gabinete de Estudos Clínicos

A 21 de Outubro é criado o Centro de Investigação de Patologia molecular (CIPM), (este com António Parreira, Jorge Soares e Luís Sobrinho).

De 18 a 22 de Novembro tem lugar o Congresso da ESMO (European Society of Medical Oncology) presidido por Tavares de Castro, que teve o número recorde de 5.200 participantes.

A 10 de Fevereiro de 1995 é feita a reestruturação do Núcleo de Endocrinologia do Centro de Lisboa do Instituto, Especialidade que está intimamente ligada à terapêutica com Medicina Nuclear.

O Centro do Porto, criado, como dissemos, em 17 de Abril de 1974, com contributos do benemérito Santos Ferreira (que vendeu para isso uma sua moradia de família) da Fundação Gulbenkian, das verbas já anteriormente obtidas nos Peditórios da LPCC, organizados por D. Maria Helena Quinta, e do Ministério das Obras Públicas), adquire grande projecção, sobretudo pela acção de António Pereira Alves, José Cardoso da Silva, Guimarães dos Santos e da Enf. Maria Helena Vicente, depois dirigido por Vítor Veloso e Laranja Pontes.

Hoje em dia, considera-se ser um Centro de excelência, com elevado prestígio nacional e internacional, e mesmo modelo para a Europa do Sul, do que é um "Comprehensive Cancer Center". De início tratava-se apenas de Serviços ambulatoriais, e uma Comissão Instaladora vem a tomar posse em 18 de Novembro de 1984, sendo seu Presidente o Prof. Amândio Tavares.

Com a inauguração do novo Centro toma posse como seu primeiro Director José Guimarães dos Santos. Esta mostra no seu Curriculum ter sido Presidente da Sociedade Europeia de Oncologia Cirúrgica e também da Comissão de Acreditação em Oncologia Cirúrgica da Federação Mundial das Sociedades de Oncologia Cirúrgica e ter sido agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, etc., etc. e tem sido o Coordenador de Cursos de Mestrado em Oncologia.

Em 1979 é criado formalmente o Serviço de Anestesia, a quem é entregue em 1995 a Unidade de Cuidados Intensivos.

Em 28 de Outubro de 1982 é criado um "Ciclo de Estudos Especiais de Oncologia Médica", e um Curso de Oncologia Básica. E com o reconhecimento da Especialidade de Oncologia Médica pela Ordem dos Médicos, o Instituto passa a receber Internos do Internato Complementar.



Figura 36. José Guimarães dos Santos

Em 1974 foi criada a valência de Otorrinolaringologia, iniciando-se também o funcionamento do Serviço de Anatomia Patológica. e em 1978 iniciaram o seu funcionamento a Estomatologia, a Oftalmologia e a Medicina Nuclear.

A Radiologia presente desde o início em 1974, passa a possuir a primeira unidade, a nível nacional, de tomografia axial computadorizada de corpo inteiro, e depois também o primeiro equipamento de Ressonância Magnética. No final da década de 90 foi possível obter equipamento de ultrassonografia doppler.

A área da Psiquiatria teve início em 1979, e a Endocrinologia em 1981, sendo ainda nesse ano criada uma Consulta de Nutrição.

A Urologia inicia-se em 1982. A área da Medicina Física e Reabilitação consolidou-se em 1985, o de Dermatologia em 1988 e o Serviço de Cardiologia em 1993.

Na actividade do Centro não pode deixar de referir-se a actividade do Dr. José Cardoso da Silva, eleito em 1994 Membro Honorário da "European Association for Cancer Education", e que foi Presidente da LPCC.

Em 1998 o Serviço de Neurocirurgia tem a seu cargo a organização no Porto, "International Meeting on Oncological Spine Surgery." Através do Neurocirurgião Nestor Rodrigues á dada especial atenção ao tratamento da dor oncológica.

Iniciou-se também a criação de uma Unidade de Transplante Medular, sob a responsabilidade de Artur Osório de Araújo.

É também criado um Serviço de Imuno-hemoterapia e Laboratórios de Crioterapia e de Biologia Molecular.

Com Sodr e Borges   criado o Serviço Pediatria Oncológica, hoje com magníficas instala es, inauguradas em 1993.



Figura 37. José Cardoso da Silva

Em 1996   introduzida a hemofiltrac o on-line, sob a orienta o de Alfredo Loureiro.

Em 1999 inicia-se a Pneumologia e um Serviço de Genética (com o seu laboratório de citogenética e de Genética molecular), e uma Consulta dirigida fundamentalmente ao risco de cancro familiar.

Em 1999, sob a influência de Guimarães dos Santos e depois e de Vitor Veloso, são iniciadas as Consultas de Grupo (multidisciplinares - com Especialistas de Oncologia Cirúrgica, Oncologia Médica e Radioterapia, e eventual colabora o de outras Especialidades importantes como a Anatomia Patológica, a Genética, a Imagiologia, etc.).

Aqui, mais uma vez, é de salientar a acção e apoio constante da Liga Portuguesa Contra o Cancro, nomeadamente com a criação da modelar Unidade de Cuidados Continuados, importante até para o ensino.



Figura 38. Estátua de Francisco Gentil no jardim do Centro do IPOFG, em Lisboa

É curioso verificar que o Instituto Português de Oncologia teve vários nomes ao longo do tempo e das variações da política:

Começou por ser, em 1923, o "Instituto Português para o Estudo do Cancro", passou a "Instituto Português de Oncologia" em 6 de Fevereiro de 1930, a "Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil - Centro de (Lisboa, Porto ou Coimbra), em 25 de Junho de 1965, Instituto Português de Oncologia - Centro Regional de Oncologia de (Lisboa, Porto ou Coimbra), SA em 29 de Dezembro de 2000, e, finalmente, o actual Instituto Português de Oncologia de (Lisboa, Porto ou Coimbra), Francisco Gentil, E.P.E., em 29 de Dezembro de 2005!

** **António Gentil Martins** foi Presidente da Ordem dos Médicos (1977/1987) e Presidente da Associação Médica Mundial (1981/1983). Recebeu a Gran-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique e é Membro Emérito da Academia Portuguesa de Medicina. Medalha de Ouro do Ministério da Saúde e Medalha de Honra da Ordem dos Médicos. Especialista em Cirurgia Pediátrica, em Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Estética e sub-especialista em Oncologia Pediátrica (fundador e Director da 1ª Unidade Multidisciplinar de Cancro Pediátrico, a nível Mundial, no IPOFG Lisboa). Ex-Presidente da Liga Portuguesa Contra o Cancro. Membro da Honra das Sociedades Internacionais de Oncologia Pediátrica e de Oncologia Pediátrica Cirúrgica. Fundador e Membro nº 1 da AAOP - Associação Portuguesa de Atletas Olímpicos (Roma, 1960, pistola automática a 25 metros).